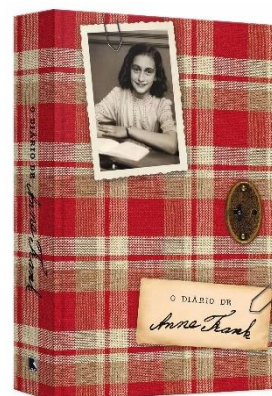


# Diário de Anne Frank

Querida Kitty, espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda.



“Quando meus pais casaram tinha o meu pai trinta e seis anos e a minha mãe vinte e cinco. Minha irmã Margot nasceu em Frankfort sobre o Meno; em 12 de junho de 1929 vim eu. Como somos judeus, emigramos, em 1933, para a Holanda, onde meu pai se tornou diretor da Travis A-G. Esta firma trabalha em estreita ligação com a Kolen and Co., no mesmo edifício.



A nossa vida decorria com as aflições do costume, pois as pessoas de família que ficaram na Alemanha não escaparam às perseguições de Hitler. Depois dos “progroms” de 1938 os dois irmãos de minha mãe fugiram para a América. Minha avó veio viver connosco. Tinha nessa altura setenta e três anos. A partir de 1940 foram-se acabando os bons tempos. Primeiro veio a guerra, depois a capitulação, em seguida a entrada dos alemães. E então começou a miséria. A uma lei ditatorial seguia-se outra; e, em especial para os judeus, as coisas começaram a ficar feias. Obrigaram-nos a usar a estrela e a entregar as bicicletas, não nos deixavam andar nos carros elétricos e muito menos de automóvel.

Os judeus só podiam fazer compras das 3 às 5 horas- e só em lojas judaicas. Não podiam sair à rua depois das oito da noite e nem sequer ficar no quintal ou na varanda. Não podiam ir ao teatro nem ao cinema, nem frequentar qualquer lugar de divertimentos. Também não podiam nadar, nem jogar ténis ou hóquei, nem praticar qualquer outro desporto. Os judeus não podiam visitar os cristãos. As crianças judias eram obrigadas a frequentar escolas judaicas. Cada vez saíam mais decretos... Toda a nossa vida estava sujeita a enorme pressão. Jopie<sup>1</sup> dizia a cada passo: “Já nem tenho coragem para fazer seja o que for porque tenho sempre medo de fazer qualquer coisa que seja proibida”.

(...)

Quando, há uns dias, andávamos a passear, o pai disse-me que decerto teríamos de “mergulhar”. Disse que nos iria custar muito viver isolados do mundo. Perguntei porque é que falava assim.

- Bem sabes- disse ele- que há mais de um ano estamos a levar o vestuário, a mobília e os comestíveis para casa de outras pessoas. Não queremos deixar cair o que é nosso nas unhas dos alemães. E ainda menos queremos, nós próprios, cair-lhes nas mãos. Por isso não vamos esperar até que nos venham buscar.

O rosto muito sério do meu pai inquietou-me.

- Então, quando, pai?

- Não te preocupes, minha filha. Sabê-lo-ás a tempo. Goza a tua liberdade enquanto for possível.

(...)

Entre domingo de manhã e hoje foi como se se tivessem passado muitos anos. Aconteceram imensas coisas. E como se a terra tivesse toda ela transformada. Contudo Kitty, ainda estou viva, e isto é o principal. Sim, estou viva, mas não queiras saber de que maneira.

Às três horas tocou a campainha. Nisto entrou a Margot, toda excitada.

- Anne, recebemos uma convocação das SS para o pai- cochichou – A mãe já foi ter com o Sr. Van Daan.

Senti um medo horrível. Uma convocação para o pai...

Toda a gente sabe o que isto significa: campo de concentração... Vi surgir diante de mim celas solitárias para onde queriam levar o meu pai!

Não fomos capazes de dizer mais uma palavra.

(...)

Mandaram-nos às duas, sair do quarto. O van Daan queria falar a sós com a mãe. Enquanto esperávamos no nosso quarto, a Margot disse-me que a convocação não tinha sido para o pai mas sim para ela. Apanhei, de novo, um susto horrível e desatei a chorar desesperadamente. A Margot tem dezasseis anos. E eles obrigam raparigas assim a partir sozinhas. Felizmente ela não se há-de separar de nós. A mãe já o tinha dito e as palavras do pai, quando me falou em «mergulharmos», deviam querer dizer a mesma coisa.

«Mergulhar»! Onde havemos nós de «mergulhar»?

Na cidade, no campo, num edifício qualquer, numa cabana, quando, como, onde? Estas perguntas não me era permitido fazê-las em voz alta mas andavam-me constantemente na cabeça.

Margot e eu começámos nas pastas da escola o que nos parecia mais necessário.

(...)

Na manhã seguinte a mãe acordou-me às cinco e meia. Felizmente já não estava tanto calor como no domingo. Uma chuvinha, miúda, quente, caiu todo o dia. Vestimo-nos todos com tanta roupa como se fôssemos meter-nos num frigorífico. Assim, foi-nos possível trazer para cá uma data de roupas. Um judeu na nossa situação não podia correr o risco de andar na rua com uma grande mala.

Assim corremos debaixo da chuva, a mãe, o pai e cada um com uma pasta e uma saca de compras completamente cheia, sabe Deus com quê. Os operários que iam para o trabalho olhavam-nos. Bem se lhes via no rosto que tinham pena de nós por irmos tão carregados e por não os deixarem ir nos carros elétricos. A nossa estrela amarela no braço flava por si. Pelo caminho fora, os pais contaram-me, tintim-por-tintim, como nascera o plano do nosso esconderijo. Havia já meses que parte da nossa mobília e do nosso vestuário tinha sido posta a salvo. Se não houvesse complicações, estaríamos prontos para desaparecer no dia 16 de julho. Por causa da convocação as coisas anteciparam-se uns dez dias e, por isso, os quartos que íamos ocupar ainda não estavam preparados como devia ser, mas tínhamos de nos conformar. O esconderijo é na casa comercial do pai.

(...)

Aflige-se a ideia de não se poder sair daqui e tenho medo que nos descubrem e nos fuzilem. É por isso que pesa sobre mim de um modo horrível. Durante o dia não nos podemos mexer à vontade, não podemos pisar o chão com força e temos quase que cochichar em vez de falar, pois lá em baixo, no armazém, não nos devem ouvir.

Já há dois anos que aqui estamos- e por quanto tempo seremos ainda capazes de resistir a esta pressão insuportável que, de dia para dia, vai crescendo?

(...)

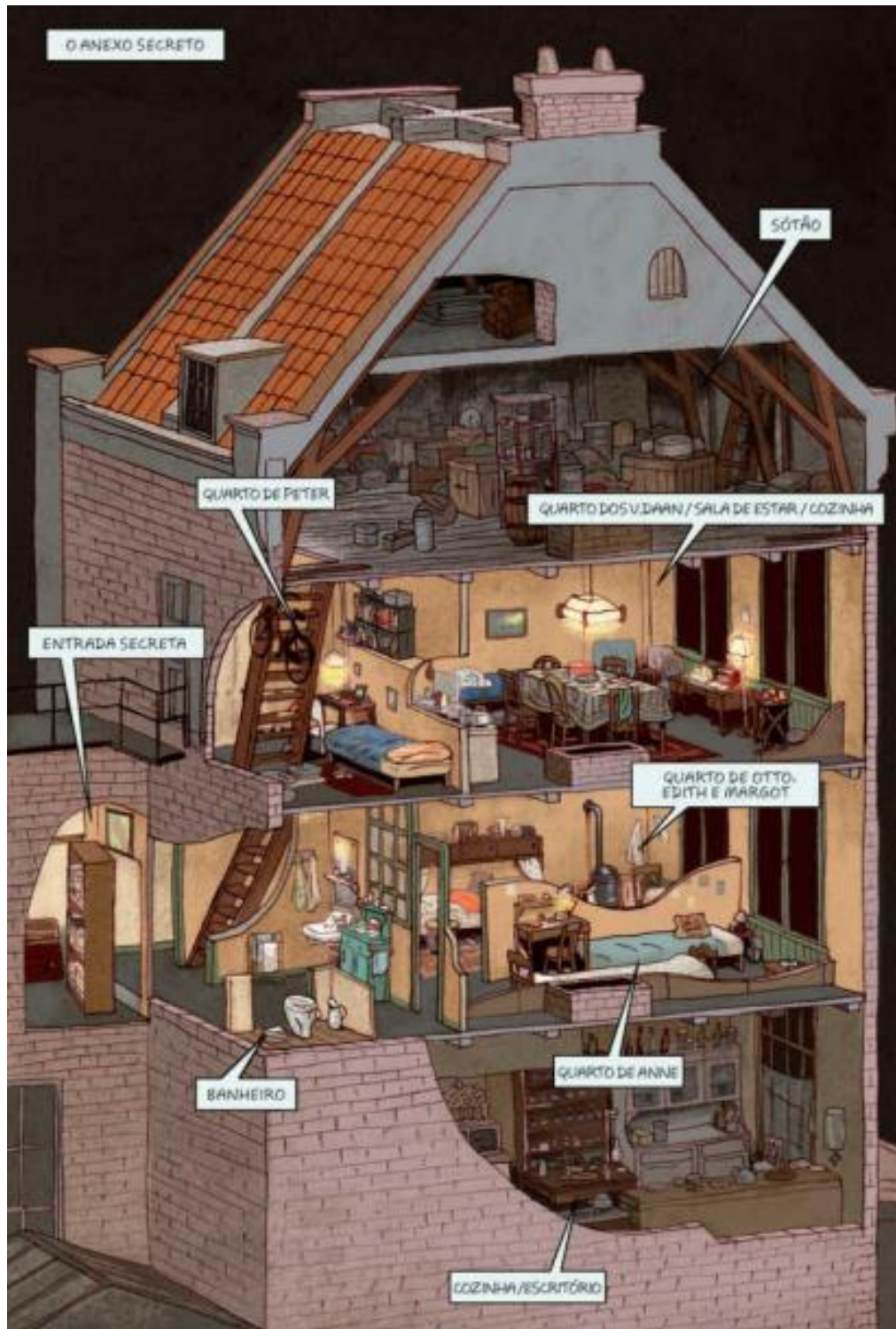
No dia 4 de agosto a “Grüne Polizei” assaltou o anexo, prendeu todos os seus habitantes e também o Sr. Kraler e o Sr. Koophuis<sup>ii</sup>, levando os primeiros para um campo de concentração na Alemanha e os segundos para outro na Holanda.

(...)

Dos oito «mergulhados» só o pai sobreviveu. O Sr. Kt«raler e o Sr. Koophuis resistiram às privações nos campos holandeses e voltaram para junto das suas famílias.

Anne morreu em março de 1945 no campo de concentração de Bergen-Belsen, dois meses antes da libertação da Holanda.”

Diário de Anne Frank, escrito entre 12 de junho de 1942 e 1 de agosto de 1944, Livros do Brasil, s.d.



## Questionário

1. Após a leitura, atenta, dos excertos do “Diário de Anne Frank”, responde às seguintes questões:

a) Qual era a nacionalidade de Anne Frank?

---

b) Quando e para onde emigrou a família Frank?

---

c) A partir de que ano a vida dos Frank mudou na Holanda? Porquê?

---

---

---

d) Dá cinco exemplos de restrições que passaram a ser aplicadas aos judeus.

---

---

---

---

e) Que acontecimento precipitou a ida dos Frank para o anexo?

---

---

---

f) Descreve como era viver no anexo.

---

---

---

g) Em que dia os Frank e os outros habitantes do Anexo foram capturados?

---

h) Quando e onde morreu Anne Frank?

---

i) Algum dos habitantes do Anexo sobreviveu aos campos de concentração?

---

---

<sup>i</sup> Jopie era uma amiga de Anne Frank.

<sup>ii</sup> Funcionários da empresa de Otto Frank, que aceitaram ajudar a família Frank durante o período em que estavam escondidos.